

## **O Mundo em Português N°2**

Novembro 1999

### **A Política Externa de Timor - Entrevista a Ramos Horta**

Álvaro de Vasconcelos

Timor-Leste independente quer privilegiar as relações com o Fórum do Pacífico Sul, sobretudo a Austrália. Mas vai falar português e gostaria que Portugal dinamizasse um grupo de países europeus para a criação do Clube de Timor.

**Álvaro de Vasconcelos** - A forma como está a decorrer o processo da independência de Timor vai possivelmente influenciar a sua futura política externa. A força multinacional é liderada pela Austrália e esse facto irá também condicionar as relações entre Timor e a Austrália.

**José Ramos Horta** - Mesmo antes de toda esta crise em Timor-Leste, que levou à criação da Interfet, predominantemente australiana, eu defendia que as opções estratégicas de Timor deveriam privilegiar o Fórum do Pacífico Sul, dominado pela Austrália e Nova Zelândia. Os acontecimentos recentes reforçaram esta minha convicção.

Basta olharmos para o mapa: Timor-Leste está a 50 minutos do território australiano. As nossas relações económicas e comerciais, o grosso da ajuda ao desenvolvimento, a ajuda humanitária tem vindo e virá da Austrália. A nossa defesa terá que ser de encosto à Austrália. A nossa maior comunidade na diáspora está na Austrália (15 mil pessoas), e pode ser uma fonte de divisas para Timor-Leste, de quadros no futuro e de continuação de lobby na própria Austrália.

**A.V.** - Se as relações de defesa com a Austrália forem muito fortes, isso não poderá ser um factor de tensões com o outro grande vizinho de Timor que é a Indonésia?

**R.H.** - Julgo que não. Veja a experiência da Papua Nova Guiné, que partilha com a Indonésia um território igualmente muito sensível para Jacarta e mais importante ainda do que Timor-Leste, que é Nova Guiné Ocidental. A Papua Nova Guiné é dependente em todos os domínios da Austrália, incluindo a segurança. No entanto, as relações com a Indonésia têm sido sempre boas, apesar dos problemas na Nova Guiné Ocidental.

**A.V.** - Nessa procura de relações externas equilibradas não haverá também, para além da Nova Zelândia, uma dimensão ASEAN?

**R.H.** - Sem dúvida alguma. O ideal seria que Timor-Leste independente pudesse tornar-se membro das duas organizações regionais: Fórum do Pacífico Sul e ASEAN. Mas acredito que pelos menos nos primeiros 5 a 10 anos da nossa vida temos que consolidar relações estratégicas, de segurança e económicas sobretudo com o Fórum do Pacífico Sul, ou seja com a Austrália e a Nova Zelândia. O PIB conjunto da Austrália e da Nova Zelândia ultrapassa o dos dez países da ASEAN. Quando se fala na economia da ASEAN, fala-se num mito. É uma economia dependente da Austrália, do Japão e dos Estados Unidos. Nestes últimos doze meses de crise económica e financeira na Ásia a Austrália revelou ser o líder económico da região.

**A.V.** - A adesão de Timor à ASEAN não seria importante para a gestão das relações com a Indonésia?

**R.H.** - Parto do princípio de que uma política externa de Timor que tenha por base

os seus interesses nacionais - e nesta fase os interesses nacionais são ditados pela segurança - tem que passar primeiro por relações com a Austrália e a Nova Zelândia. É preferível construirmos bloco por bloco do que tentarmos negociar vários dossiers ao mesmo tempo. Nos primeiros cinco anos há que consolidar relações com a Austrália e a Nova Zelândia, nomeadamente no domínio da defesa.

**A.V.** - Isso significa uma cooperação militar forte, uma eventual presença militar como factor dissuasivo?

**R.H.** - Exactamente. Mas não quer dizer que descuremos a ASEAN. Vamos é ter contactos bilaterais privilegiados com países membros da ASEAN, nomeadamente Singapura, Filipinas e Tailândia - contactos que aliás já iniciei há vários meses. E vamos, ao mesmo tempo, desenvolver o diálogo com quem vier após as eleições presidenciais em Jacarta. Temos obviamente uma agenda muito longa com Jacarta. O problema é que não acredito que a Indonésia estabilize nos próximos anos, do ponto de vista político e económico. Por isso, pensarmos neste momento numa ASEAN forte é irrealista. Nunca a ASEAN atravessou uma crise interna tão grande, com rivalidades, conflitos que foram escondidos durante anos e que hoje começam a vir à tona. Há a rivalidade entre a Indonésia e a Malásia, que pode aumentar se a situação do Aceh se agravar. Há cerca de 600 mil acehineses na Malásia e há dezenas deles ocupando posições muito importantes. Se a situação económica e política na Indonésia não estabilizar, a ASEAN vai continuar fragilizada. Por isso, julgo que uma política externa timorense inteligente é manter o diálogo com a Indonésia, mas sem nos apressarmos a entrar na ASEAN.

**A.V.** - A prioridade dada às Filipinas, Tailândia e Singapura tem a ver, também, com a natureza dos regimes ou é apenas uma questão de natureza económica?

**R.H.** - Tem mais a ver com a natureza económica, embora também, no caso da Tailândia e das Filipinas, tenha a ver com a evolução da democracia nesses países, que representam a linha da frente da democracia na ASEAN. A Tailândia é um país bastante aberto, tem um novo ministro dos Negócios Estrangeiros jovem e dinâmico, muito sensível à questão dos direitos humanos. Quanto a Singapura, tem muitas afinidades com Timor-Leste: é um país pequeno, Cidade-Estado, sem quaisquer recursos, mas que provou ao mundo que não são só os recursos naturais que fazem um país próspero. Por outro lado, precisamos de Singapura para nos ajudar a construir, gerir os portos, aeroportos, estabelecer uma linha aérea e ajudar na instalação e aperfeiçoamento do sistema financeiro e bancário.

**A.V.** - Os direitos humanos são hoje uma componente importante das relações internacionais a que nenhum Estado pode escapar. Timor pode ter aqui um papel muito interessante.

**R.H.** - Depois de 23 anos de luta pela paz, pela democracia e pelos direitos humanos, Timor-Leste vai ser um modelo nos seus esforços para a consolidação da democracia, do Estado de direito e dos direitos humanos na região. Não acredito que alguém na região pense que Timor-Leste vai trair todos os princípios ou a universalidade dos direitos humanos.

**A.V.** - Lembro-me que na altura da guerra do Kosovo teve uma posição coerente com o que defendia para Timor. Não acha que o precedente kosovar acabou por contribuir positivamente para a resolução do problema timorense?

**R.H.** - Julgo que sim, em parte. Quando o Ocidente intervém no Kosovo, pelas mesmas razões que deveria intervir em Timor-Leste, torna a posição ocidental insustentável se não usasse de maiores meios de pressão sobre Jacarta. Há dois

prémios Nobel da Paz que apoiaram publicamente a intervenção da NATO no Kosovo: um deles fui eu e o outro foi Elie Wiesel.

**A.V.** - A relação com os Estados Unidos não será também um factor importante para Timor? Os EUA têm um papel preponderante do ponto de vista da segurança no Pacífico.

**R.H.** - Temos o Fórum do Pacífico Sul, temos a União Europeia, e em terceiro lugar os Estados Unidos. Pensamos desenvolver as relações mais amistosas de cooperação com os EUA, porque são a única superpotência do mundo. A Interfet, por exemplo, só foi viável quando o Presidente Clinton lançou o ultimato a Jacarta. Temos tido muito apoio ao longo de anos, a nível do Congresso norte-americano, apesar de, desde 1975, as sucessivas administrações americanas terem sido cúmplices do genocídio em Timor-Leste e venderem armas, tentando silenciar a questão de Timor, e a nós próprios (eu era persona non grata).

**A.V.** - Mas o mundo mudou muito. A Indonésia já não é vista como um bastião do mundo ocidental contra o comunismo.

**R.H.** - Exacto. Além disso, o Presidente Clinton foi sempre muito sensível à questão de Timor. Obviamente não era uma questão que ocupasse a sua agenda, mas foi, de todos os líderes ocidentais, o que mais abordou a questão de Timor-Leste com Suharto, por vezes em encontros públicos. Na Cimeira da APEC em Jacarta, em Novembro de 1994, o Presidente Clinton, em plena conferência de imprensa, instava a Indonésia a dialogar com os timorenses, a dar-lhes mais voz, e defendia autonomia limitada para Timor-Leste.

**A.V.** - Haverá uma cooperação de natureza militar entre Timor e os Estados Unidos?

**R.H.** - Julgo que sim, em termos muito limitados, isto é, na formação, em cooperação com Austrália e Portugal, das nossas forças de segurança. Estamos ainda a desenvolver o livro branco da defesa de Timor. Há um mês, o consenso que emergia a nível da liderança da resistência, incluindo as Falintil, era que Timor-Leste independente deveria seguir o modelo da Costa Rica, sem Exército. A violência gratuita e selvagem que se abateu sobre Timor-Leste fez repensar esse princípio. Vamos agora rever essa posição e pensar numa nova doutrina de defesa e segurança.

**A.V.** - Com o tipo de alianças que está a definir - Estados Unidos, Austrália e União Europeia - Timor será um aliado do Ocidente, na sua acepção corrente, naquela região do mundo.

**R.H.** - Julgo que sim, mas ao mesmo tempo manterá as suas relações solidárias, sólidas com o Terceiro Mundo. Para sermos úteis para os dois lados do debate, o Sul e o Norte, temos que manter as nossas raízes, consolidar as nossas relações históricas de amizade com países do Terceiro Mundo, e ao mesmo tempo manter uma relação muito forte e privilegiada com o Ocidente. O Ocidente pode ter a certeza que em questões cruciais como a defesa dos direitos humanos, a não proliferação, o combate à droga ou ao terrorismo terá em nós um aliado seguro.

**A.V.** - A União Europeia tem naquela região uma presença menos significativa do que muitos entre nós gostariam. Como é que vê o papel da UE na relação com Timor, e a partir daí também na região?

**R.H.** - Acredito que a UE, à medida que se consolida institucionalmente e que a política externa comum ganha forma, pode vir a ter um papel muito mais

importante na região. Mas não podemos esquecer que as relações e a influência constroem-se com base nas trocas comerciais, nos investimentos e na cooperação militar e política. Creio que ainda vai levar algum tempo para a UE realmente se consolidar na região.

**A.V.** - A UE não pode ser o parceiro privilegiado na reconstrução de Timor?

**R.H.** - Espero bem que sim. Gostaria de ver a UE por um lado, mas também um bloco de países pequenos da Europa, a assumirem um pouco o papel de equilíbrio com a Austrália. Esse equilíbrio poderia ser desenvolvido por um grupo de países, que se chamaria o Clube de Timor, constituído por Portugal, Irlanda, Espanha, os países nórdicos, que concentrariam esforços de ajuda económica, ajuda humanitária, ajuda ao desenvolvimento. Além da UE enquanto instituição, haveria também ajuda bilateral desses países mas de uma forma coordenada, num esforço para que Timor não venha a ser uma dependência económica e estratégica da Austrália.

**A.V.** - Mas precisam também do apoio dos grandes europeus.

**R.H.** - Dos grandes, o país europeu que terá maior presença em Timor-Leste deve ser o Reino Unido. Por duas razões: entre os países europeus o Reino Unido já é o que tem maior presença na região; além disso, nestas últimas semanas, desenvolveram-se relações muito especiais entre Xanana Gusmão e membros do Governo inglês.

**A.V.** - Portugal terá certamente um papel importante nas relações externas de Timor, quer a nível da articulação europeia, quer numa relação bilateral. Como é que vê as relações com Portugal?

**R.H.** - Fora da União Europeia, fora desse grupo de pequenos países que já pedimos a Portugal para dinamizar, há as relações Portugal-Timor Leste. Os dois países, geograficamente em extremos opostos, sempre tiveram ao longo da história uma relação muito especial. Timor-Leste nunca foi colonizado no sentido clássico. Lembremo-nos, por exemplo que Timor era uma colónia penal. Nos últimos anos deve-se muito a Portugal o facto de termos chegado onde chegámos. Portugal batalhou nos grandes palcos internacionais, por vezes sofreu derrotas, foi humilhado pelos seus próprios parceiros. Quando recebemos o Prémio Nobel da Paz o povo português também se orgulhou, e devemos-lo também em parte a Portugal. As relações de cooperação Portugal-Timor-Leste não têm limites. Não creio que haja dois países no mundo que tenham estas relações tão íntimas. A relação sólida entre Portugal e Timor parte da relação entre o povo português e o povo timorense e daí é que sobe para o nível de Estados e de governos. Quando as relações são apenas a nível de Estado, sem que o povo participe nelas, estão sujeitas a altos e baixos. Acredito que as relações entre países devem sempre envolver as sociedades civis, porque só o intercâmbio cultural, o conhecimento mútuo, o relacionamento de amizade entre os povos é que podem fazer com que as relações sobrevivam a conflitos que podem surgir em relação a zonas fronteiriças, zonas económicas, interesses comerciais.

**A.V.** - Neste momento Timor é prioridade das prioridades porque havia um conjunto de problemas gravíssimos que era preciso resolver e houve uma grande mobilização portuguesa. É preciso fazer com que a atenção perdure para além da não existência de problemas urgentes. É preciso pensar do ponto de vista económico, militar, político, cultural e da sociedade civil coisas muito concretas que sustentem, no tempo, essa relação.

**R.H.** - Há coisas muito concretas que vamos ter de fazer durante anos, começando

pela reintrodução da língua portuguesa em Timor-Leste. Não é uma obra fácil, vai exigir investimentos maciços em termos financeiros, em termos de preparação de professores de português, porque vamos começar praticamente do zero. Neste momento não mais de 5 por cento dos timorenses fala português, e queremos fazer do português a língua oficial. Vamos ensinar o inglês a nível elementar. Para nós o português é a língua da identidade, da História e que nos coloca numa comunidade de 200 milhões.

**A.V.** - Do ponto de vista económico vê oportunidades? Fala-se do petróleo de Timor, que interesse Portugal poderia ter na sua exploração?

**R.H.** - Para além da nossa gratidão a Portugal, que conquistou a sua posição em Timor-Leste, precisamos de Portugal nos próximos anos para o desenvolvimento da economia, das infraestruturas, para a formação de quadros. Portugal não pode pensar apenas no lado filantrópico, terá que ver formas de se instalar em Timor-Leste e fazer de Timor o seu entreposto comercial na região. Instalado em Timor-Leste pode mais facilmente ter acesso aos países da ASEAN, à Coreia do Sul, ao Japão, à China. Os empresários portugueses, além de quererem ajudar no desenvolvimento de Timor, devem pensar também que Timor-Leste pela sua localização estratégica pode servir os interesses comerciais de Portugal.